

Pedro Vieira da Silva **Peixoto****Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Instituto de História
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, n. 1, sala 311 - Centro - Rio de Janeiro-RJ - Brasiladrienebt@yahoo.com.br - peixotopvs@gmail.com ■

Dossiê

Arqueologia Funerária: Performance, Morte e Corpo

Apresentação

Os registros arqueológicos funerários de que dispomos para o estudo das sociedades passadas revelam, por excelência, um conjunto de práticas situacionais e ritualizadas que buscam dar conta de um problema comum a todas as sociedades humanas, independentemente de sua localização ou temporalidade: a morte. Entender como a morte é vista e tratada por diferentes sociedades ao longo do tempo oferece-nos, portanto, um campo rico de investigação arqueológica e social. A proposta desse dossiê sobre arqueologia funerária visa debater o tema Performance, Morte e Corpo.

Performance e dinâmica ritual são temas caros ao debate em antropologia e arqueologia, que se tornaram alicerce dos novos estudos em arqueologia funerária. Na atualidade, é necessário cada vez mais pensar o conjunto de práticas funerárias em sua heterogeneidade e dinamicidade, como resultado de ações humanas dotadas de historicidade que não apenas reproduzem valores sociais, mas que também criam, legitimam e reconfiguram noções de diferentes sociedades e, conseqüentemente, os lugares sociais dos indivíduos em suas comunidades (sejam eles vivos ou mortos). A importância do corpo na arqueologia tem igualmente crescido em destaque.

* Doutora em Arqueologia pela University of Oxford, Oxford, Reino Unido. É Professora Associada do Departamento de História e do PPGH, do Instituto de História da UFF, onde também atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos de Imagens e Representações da Antiguidade (NEREIDA). CV: <http://lattes.cnpq.br/2482007463791395>.

** Doutor em História pelo PPGH-UFF, com "período sanduíche" de um ano na Universidade de Manchester (Reino Unido). Atualmente, realiza um pós-doutorado no PPGHC-UFRJ, onde, além de desenvolver atividades de pesquisa, leciona a disciplina "História, morte e ritos fúnebres: teoria e prática", sob a supervisão de F. S. Lessa. CV: <http://lattes.cnpq.br/7179835505426363>.



Vários pesquisadores têm chamado nossa atenção para a necessidade de unirmos os estudos das tumbas e do mobiliário funerário àquele dos cadáveres e ossadas (Crossland, 2010). Na academia francesa, os estudos de tafonomia dos cadáveres desenvolvidos por Duday e seus colegas desde 1978 (cf. Duday et al., 1990; Knüsel, 2014) abriram uma nova fronteira de pesquisa. Avançando na compreensão dos “gestos funerários”, eles criaram novas metodologias para analisar os vestígios bioarqueológicos, identificando a movimentação das ossadas para reconstruir as formas de enterramento e tratamento funerário. Na vertente de língua inglesa, trabalho semelhante foi desenvolvido pela arqueologia de embodiment. Desenvolvida a partir dos anos 1980, ela é tributária tanto dos estudos bioarqueológicos quanto dos estudos de fenomenologia e de teoria da prática (cf. Shanks, 1995; Joyce, 2005; Lesure, 2005; Crossland, 2010). Para ambas, o corpo – de modo análogo à cultura material – oferece um meio de expressão e é, em certa escala, também um artefato dotado de uma materialidade própria que constrói identidades e que é moldado a partir de experiências sociais. Para os estudos funerários a inclusão do corpo como objeto de investigação permite debater não apenas como dados bioarqueológicos, que podem contribuir para melhor entendimento dos mortos (por exemplo, através do estudo de doenças, traumas físicos, acessos à nutrientes e alimentação, afiliações de parentesco), mas como o corpo-artefato também auxilia a entender como diferentes performances e rituais fúnebres afetam o tratamento dado aos corpos dos mortos em contextos arqueológicos, a partir das posições, orientações, alinhamentos e localizações em que as ossadas foram encontradas. Além disso, permite observar também como um conjunto de ações e repetições diárias condicionaram e moldaram corpos antes da morte, fazendo com que diferenças hierárquicas, etárias e de gênero se tornem visíveis ou, ainda, ressaltadas em contextos fúnebres (Sofaer, 2006).

Neste sentido, organizado a partir de uma perspectiva multidisciplinar, com um diálogo entre Arqueologia, História e Antropologia, esse dossiê da Revista M. vem trazer, a partir de seis artigos, uma discussão a respeito de propostas teórico-metodológicas para o estudo da materialidade da morte na antiguidade (com estudos de caso da Grécia Antiga e do Egito Antigo), em pré-história brasileira e europeia e, por fim, com um estudo de caso da cultura Chacay no Peru. Abrindo o dossiê, Pedro Vieira da Silva Peixoto apresenta, em Por uma arqueologia dos vestígios funerários do passado: contribuições, práticas e caminhos possíveis, um balanço do potencial do diálogo entre história e arqueologia funerária, para analisarmos a paisagem, as deposições e práticas funerárias. Os demais artigos mostram estudos de caso, nos quais essas correlações são observadas.

Traçando a articulação entre performance, iconografia e memória, temos as contribuições de Camila Diogo de Souza e Cintia Rolland, que mostram o agenciamento do mobiliário funerário e seus usos sociais. Em A morte lhe cai bem. Reconsiderando o significado do mobiliário funerário na construção do prestígio social, De Souza oferece uma reflexão sobre a morte a partir de sua materialidade em Argos, região da Argólida, Peloponeso, durante os séculos IX–VIII a.C., período da Grécia Antiga conhecido como Geométrico. Além de apresentar um apanhado de contribuições teóricas processuais e pós-processuais para o estudo das práticas mortuárias em contextos arqueológicos, a autora explora também a relação entre sêma e

mnêma, entre enterramento e memória na Grécia antiga. Embora as mais de 500 sepulturas encontradas em Argos já tenham sido escavadas e estudadas em múltiplos momentos desde a primeira década do século XX, De Souza questiona o modelo interpretativo amplamente divulgado para o entendimento do material na região, transferindo a ênfase concedida por parte da historiografia ao aspecto militar, transferindo-o para o que a autora nomeia de “uma arte de domar cavalos”. Para De Souza, mais do que a atividade marcial, é a doma de equinos que, por excelência, irá desempenhar importante papel em contextos funerários na construção da memória e da identidade, por parte de uma elite argiva. Ao explorar as múltiplas relações entre materialidade, representações iconográficas, ritos fúnebres e a construção de importância social, o artigo propicia uma compreensão da maneira como o mobiliário funerário pode, por vezes, se tornar uma importante forma de expressão de memória e prestígio.

Em contraste, o artigo *Chaouabtis / oushabtis et leurs fonctions au sein de la religion funéraire des égyptiens anciens*, de Cintia Rolland, analisa um conjunto de pequenas estatuetas depositadas em tumbas no Egito antigo, particularmente durante o Novo Império (a partir de 1380 a.C.), conhecidas como shabtis. Além de discutir questões associadas às cronologias, aos usos e significados dos shabtis em contextos funerários egípcios, o artigo explora também a associação dessas estatuetas com o que era conhecido como akhw no Egito antigo, o espírito luminoso do morto já transformado, depois dos ritos fúnebres. Após realizar um balanço de interpretações historiográficas sobre essas estatuetas à luz de novas descobertas arqueológicas, o artigo de Rolland mostra como um shabti poderia funcionar de modo diverso, vindo até a representar o akhw de uma pessoa falecida, de modo a atuar em nome do morto ou, não obstante, em seu lugar — o shabti pode ser, assim, inclusive o próprio akhw de um defunto. Embora comumente associado ao domínio funerário egípcio, Rolland traça um breve histórico sobre o fim dos usos dos shabtis em tumbas egípcias, e indica que, curiosamente, com o passar dos séculos essas estatuetas se tornaram objetos exóticos apreciados por viajantes romanos quando iam ao Egito, sendo encontrados em vários locais do Império Romano, no entanto, desprovidos de suas conotações e funções funerárias.

Enveredando pelo tema de corpo, engajamento e espaço, Clarisse Prêtre explora a relação entre morte acidental, morte proibida e prescrições religiosas, em *Voir Délos et mourir: La gestion de la mort interdite dans un sanctuaire grec à travers les sources épigraphiques et les données archéologiques*. Tomando como recorte analítico o santuário de Delos, consagrado ao deus Apolo, Prêtre traça uma investigação acerca das tensões criadas pela morte quando esta ocorre em solo sagrado e, particularmente, em uma ilha na qual as pessoas estavam, a princípio, proibidas de morrer. Embora os ritos funerários na Grécia antiga tenham sido alvo de inúmeros debates, sobretudo a partir da década de 1980, ainda são significativamente poucos os trabalhos que discutem o tema a partir de um intercruzamento da documentação textual com a documentação arqueológica, vindo a combinar, por exemplo, evidências textuais, funerárias e epigráficas, como a autora propõe. A importância desempenhada pelo santuário de Delos, não apenas no plano religioso, como em nível comercial e como ponto de destino para muitos estrangeiros é abordada pela autora, de modo a ressaltar o caráter cosmopolita da ilha durante o período helenístico. A análise desenvolvida revela que as práticas

mortuárias resultam de um conjunto de escolhas estratégicas, uma vez que não são elaboradas com base nos lugares de vida dos indivíduos, mas, ao contrário, em função das vontades de uma divindade que tem, em última instância, nojo da morte. A questão se torna ainda mais complexa, já que em Delos os “cadáveres acidentais” são administrados pelo santuário e não pela cidade e, como Prêtre assinala, mesmo a deposição de mortos na ilha vizinha de Rinia também era fortemente condicionada por regras sagradas que proibissem a contaminação do santuário que se encontrava nessa ilha, consagrado à deusa Ártemis. A partir de um conjunto de evidências, que incluem desde referências a práticas de inumação, cremação, proibições de violação e arrombamento, decretos cívicos e inscrições com maldições, Prêtre oferece um valioso olhar sobre os modos como o ambiente funerário e religioso estão intrincadamente conectados.

Por fim, analisando performance e tratamentos do corpo, os artigos de Cláudia Regina Plens e de Pieter Dennis van Dalen Luna, Alfredo Altamirano Enciso e Łukasz Majchrzak constituem exemplos da América do Sul. Ancorada na bioarqueologia, em *Arqueologia Funerária: a materialidade da vida após a morte*, Plens reflete sobre os sambaquis fluviais encontrados no Vale do Ribeira, estado de São Paulo, com particular ênfase direcionada ao sítio de Moraes. O assentamento cultural que forma o complexo da região data de um período de mais de 10 mil anos e, conforme o artigo enfatiza, possui a maior continuidade de uso já registrada para a América do Sul. Diferentemente dos sambaquis costeiros, conhecidos por sua monumental visibilidade, aqueles situados em regiões interioranas possuem dimensões menores (atingindo no máximo 2m de altura), o que às vezes dificulta sua identificação e visibilidade. No entanto, Plens demonstra como um conjunto de inferências sobre alimentação, economia, engajamento coletivo, memória e controle social podem ser traçados a partir dos materiais encontrados nessas tumbas (como líticos e arqueofauna), com aplicação de determinadas técnicas e métodos de análises. A partir das propostas da Arqueotanatologia formuladas por Duday como principal eixo de orientação teórica, Plens desenvolve um estudo isotópico e zooarqueológico do material encontrado, combinando-o à análise componencial de volume (ACV), análises líticas, sedimentológicas e de contexto funerário maior, de modo a incorporar o máximo de informações disponíveis às sepulturas discutidas. Plens ressalta, em particular, a necessidade de entendimento dos processos tafonômicos pelos quais os esqueletos passaram, de modo que seja possível reconstruir adequadamente os ritos funerários analisados. Seu artigo oferece uma valiosa contribuição para compreensão da maneira como sambaquis fluviais demandavam um dispêndio de tempo, energia e recursos para sua construção e manutenção, que por vezes poderiam funcionar como local foco de memória, durante dezenas de gerações.

Em contraste, a contribuição de van Dalen Luna, Altamirano Enciso e Majchrzak, intitulada *Marcas para la vida, señales para la muerte. Los cuerpos tatuados de la cultura Chancay en Cerro Colorado, Huacho, Perú*, consiste em uma análise dos corpos com tatuagem das culturas andinas do Período Intermediário Médio (1000-1470 d.C.), em particular da cultura Chancay. Como essa prática de modificação corporal era rara entre as culturas andinas pré-hispânicas (ao contrário das culturas mesoamericanas, por exemplo, onde essa prática era corrente), os autores buscam entender a produção dessas tatuagens (nas cores preta, azul, vermelha

e, em poucos casos, amarela), seus usos e significados sociais, que conferiam propriedades apotropaicas. Eles verificaram sua aplicação tanto em crianças quanto em adultos. Nos indivíduos do sexo feminino predominam imagens figurativas (de peixes, aves marinhas) e linhas paralelas, alertando que a maior incidência de tatuagens ocorre em indivíduos femininos. Vale observar que em 45% dos casos essas tatuagens foram aplicadas pouco antes da morte dos indivíduos. Para os autores, este dado evidencia que elas foram aplicadas como sinal diacrítico mágico-religioso. Esses seriam indivíduos que também desempenhariam atividades de culto, magia ou cura. Era fundamental inscrever em seus corpos, seu prestígio e status diferenciado. Essa singularidade também era assinalada em seu local de enterramento. Como observam os autores, o complexo funerário de Cerro Colorado era circundado por colinas avermelhadas com uma visão privilegiada do litoral, e se posicionava próximo à Lagoa Encantada, local que permanece dedicado às práticas votivas e de cura, até a atualidade.

Os trabalhos aqui reunidos mostram como as fronteiras sociais, bem como aquelas entre o mundo dos vivos e o "Outro mundo" são inscritas no corpo e nos espaços dedicados aos mortos. As performances funerárias são instrumentais na produção dessas distâncias, tanto quanto para a vinculação entre vivos, mortos e suas divindades. Nelas construímos a nossa própria identidade e refirmamos nossas lealdades; que sopesse que na morte demarcamos e produzimos desigualdades. Mais do que um momento de ruptura, a morte se torna um momento de reinvenção da própria comunidade e de sua apreensão e inserção no mundo.

Referências bibliográficas

CROSSLAND, Zoë. Materiality and embodiment. In: HICKS, Dan & BEAUDRY, Mary C. (Eds.). *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, p. 386-405, 2010.

DUDAY, Henri et al. L'Anthropologie «de terrain»: reconnaissance et interprétation des gestes funéraires. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris, v. 2, n. 3, p. 29-49, 1990.

JOYCE, Rosemary A. Archaeology of the body. *Annual Review of Anthropology*. Online, v. 34, p. 139-158, 2005.

KNÜSEL, Christopher J. Crouching in fear: Terms of engagement for funerary remains. *Journal of Social Archaeology*. Stanford, v. 14, n. 1, p. 26-58, 2014.

LESURE, Richard G. Linking theory and evidence in an archaeology of human agency: Iconography, style, and theories of embodiment. *Journal of Archaeological Method and Theory*. Online, v. 12, n. 3, p. 237-255, 2005.

SHANKS, Michael. Art and an Archaeology of Embodiment: some aspects of Archaic Greece. *Cambridge Archaeological Journal*. Cambridge, v. 5, n. 2, p. 207-244, 1995.

SOFAER, Joanna R. *The body as material culture: a theoretical osteoarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 208p.